

TRANSCRIÇÃO DA AULA 02

Socialismo ou Barbárie

Este documento apresenta a transcrição revisada da segunda aula da série produzida pela Fundação Rosa Luxemburgo, ministrada pela professora Isabel Loureiro, especialista em Rosa Luxemburgo.

Nesta aula, são discutidas as reflexões de Rosa Luxemburgo sobre o lema “**socialismo ou barbárie**”, formulado durante a Primeira Guerra Mundial. O texto explora como Rosa analisou os desafios políticos e éticos do movimento socialista diante da guerra, seu diagnóstico da crise da social-democracia e a relevância do imperialismo na definição das alternativas que a humanidade enfrenta em tempos de crise.

O material é uma fonte valiosa para compreender a atualidade do pensamento de Rosa Luxemburgo, especialmente no contexto das múltiplas crises globais do presente.

As aulas completas estão disponíveis em www.rosalux.org.br

Socialismo ou Barbárie! Este é o tema desta aula. Vamos refletir sobre como Rosa Luxemburgo via as alternativas que a humanidade enfrenta em tempos de crise e a atualidade dessa escolha no mundo de hoje. Sou Isabel Loureiro, professora de filosofia e especialista em Rosa Luxemburgo, e convido você a acompanhar esta série de videoaulas produzidas pela **Fundação Rosa Luxemburgo**.

Para começar, vamos relembrar a aula de introdução às ideias políticas de Rosa Luxemburgo. Em suas análises, Rosa rejeita as compartimentações rígidas entre pólos opostos, procurando montar uma **coreografia** em que os distintos aspectos da realidade se reforçam mutuamente.

Por exemplo, em suas obras de economia política, Rosa demonstra que acumulação de capital, colonialismo, imperialismo e guerra são facetas distintas e indissociáveis da mesma realidade: a sociedade burguesa-capitalista, na qual foi gestada a “**organização internacional da indústria do assassinato**” (*A crise da social-democracia*, p. 133). Essa análise é particularmente relevante ao pensarmos em guerras contemporâneas, como as que envolvem Rússia e Ucrânia, Israel e Palestina (agora Líbano), entre tantas outras.

Durante a Primeira Guerra Mundial, Rosa Luxemburgo e seu grupo internacionalista dentro do SPD – a futura **Liga Spartakus** – fizeram campanha contra o genocídio imperialista. Como consequência, foram aprisionados e oficialmente silenciados. Rosa, no entanto, continuou escrevendo e enviando clandestinamente seus manuscritos para fora da prisão.

Um de seus textos mais contundentes, escrito na prisão em abril de 1915, é **A crise da social-democracia** (também conhecida como *Brochura de Junius*, 1916). Nele, Rosa faz um balanço lúcido, não apenas sobre o processo que conduziu à guerra, mas também sobre a transformação do SPD em um **partido da ordem**. Ela realiza uma reflexão crítica desse processo, recusando-se a apoiar qualquer um dos países beligerantes. Sua escolha é clara: ela está ao lado dos trabalhadores, com o lema “**guerra à guerra!**”.

Além disso, esse texto marca uma mudança em sua trajetória política: Rosa adota o lema “**socialismo ou barbárie**”, indicando que o socialismo deixa de ser uma certeza histórica para se tornar uma **aposta** (M. Löwy). O socialismo só poderá vencer se os trabalhadores aprenderem com seus próprios erros, tornando seu triunfo algo imprevisível.

A crise da social-democracia

A crise da social-democracia é um balanço dos 45 anos do movimento operário anteriores a 1914. Rosa parte de seu epicentro na França – do início até a Comuna de Paris – e depois foca na Alemanha, de 1871 a 1914, período em que o SPD se fortalece como organização, sendo visto como a vanguarda e o cérebro da Internacional Socialista.

Para Rosa, esse balanço é indispensável, pois a guerra mundial alterou profundamente as condições da luta e dos próprios lutadores. A mudança radical fica evidente na votação dos

créditos de guerra pelo SPD, em 4 de agosto de 1914, que contradiz os princípios previamente adotados de oposição à guerra. Essa ruptura exige uma reflexão para repensar toda a política da esquerda socialista.

De onde começar essa renovação?

Rosa aponta três elementos centrais:

1. Autocrítica impiedosa

Rosa escreve: **“Para o movimento proletário, a autocrítica, uma autocrítica impiedosa, severa, que vá à raiz das coisas, é o ar e a luz sem os quais ele não pode viver.”** O proletariado precisa **“aprender com os próprios erros”**. Caso contrário, o triunfo do imperialismo significará o **“aniquilamento da civilização”, a barbárie** (*A crise da social-democracia*, p. 29).

Rosa exige autocrítica tanto da social-democracia quanto do proletariado, porque, para ela, a social-democracia **“é o próprio movimento da classe operária”**. Essa autocrítica implica, em termos concretos, questionar:

- A adesão à política de união nacional;
- A ideologia da “harmonia de classes” (representada pelo discurso imperial de que não existiam mais partidos, apenas “alemães”);
- O abandono da oposição à política militarista do governo, que instaurou estado de sítio e silenciou os protestos.

Segundo Rosa, ao aceitar essas condições, o SPD comprometeu seus princípios e ficou enfraquecido, condenado à irrelevância política.

2. Política moral

Rosa reflete sobre qual deveria ter sido a postura do SPD ao deflagrar-se a guerra. Deveriam os socialistas ter chamado à greve geral? Para Rosa, a **greve geral** (ou greve de massas) equivale à revolução e, por isso, não pode ser fabricada artificialmente por uma liderança.

Ainda assim, o SPD poderia ter usado sua bancada no Parlamento para denunciar a guerra imperialista e expor as mentiras do governo, ao invés de votar pelos créditos militares. Rosa argumenta que, ao votar pelos créditos, o SPD assumiu **“a corresponsabilidade moral pela guerra”** (p. 126).

Mesmo sem garantias de sucesso, os revolucionários devem entrar em combate: **“Eles entram em combate onde ele se apresenta, sem exigir previamente a certeza do sucesso”** (p. 129). Rosa acredita que, ainda que perseguidos, os socialistas teriam preservado sua **força moral** e diminuído os anos e os danos da guerra.

3. Imperialismo

No fim do texto, Rosa apresenta uma mudança significativa em seu pensamento. A partir de sua obra *A acumulação do capital*, ela critica a violência do imperialismo e sua destruição das civilizações antigas, argumentando que a modernização capitalista não representa “progresso” para os povos afetados.

Ainda assim, Rosa antes acreditava que o imperialismo criava as condições para a revolução socialista mundial. Em **A crise da social-democracia**, porém, ela reconhece que a guerra mundial marcou uma guinada: o curso imperialista não garante mais a vitória do socialismo.

Os dois argumentos de Rosa para isso são:

1. A **destrutividade do capitalismo**, que agora atinge a Europa com intensidade. O capitalismo, em sua busca incessante por lucro, se torna sinônimo de barbárie.
2. O **suicídio do proletariado** nos campos de batalha. Se os trabalhadores, sujeitos históricos da transformação, desaparecem, o socialismo perde sua força. Rosa escreve: **“Mais uma guerra mundial como esta, e as perspectivas do socialismo ficarão enterradas sob as ruínas empilhadas pela barbárie imperialista.”** (p. 143).

Conclusão

Assassinada em 1919, Rosa Luxemburgo mal teve tempo de compreender a transformação radical que se desenrolava: a derrota da Alemanha, a revolução alemã afogada em sangue, e o fortalecimento da extrema-direita nacionalista, que pavimentaria o caminho para o nazismo.

Hoje, o mundo mergulhado em crises múltiplas traz de volta o espectro daquela Europa do início do século XX, com sua escalada militar e o crescimento da extrema-direita. Esse contexto reforça a atualidade do lema “**socialismo ou barbárie**”, lembrando-nos da necessidade de uma esquerda fiel aos seus princípios, mesmo em tempos de crise.

Para saber mais, acesse o site da Fundação Rosa Luxemburgo e siga a Fundação nas redes sociais. Até a próxima!